

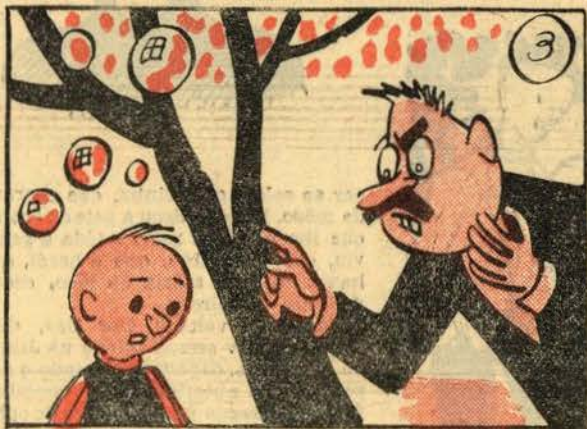


O CACHIMBO do SENHOR ANTUNES



I — «Acuda, senhor Antunes, que o menino Serafim fugiu, com o seu cachimbo, há pouco para o jardim.»

II — «Que me dizes?! O menino, com cinco anos sòmente, a fumar no meu cachimbo, como se já fòsse gente?!...»



III — «Ai, o grande patifório!... Onde estarás tu metido?!... Vais saber como elas mordem... Grande tratante, atrevido!»

IV — «Que fazes com o cachimbo do teu pai, grande maráu?!...»
— «Faço bolas de sabão... O que tem isso de mau?!»

A VALENTIA DO MEDROSO

Por MANUEL FERREIRA

DESDE que, certa vez, os rapazes da aldeia, convidaram para ir aos ninhos o António Moleiro, um pequeno sem eira nem beira, e duma sisudez que excedia os seus dez anos, nunca mais, pela sua recusa, o puderam ver com bons olhos.

— «Mas porque não vais, connosco, acima daquele ramo de salgueiro? Está ali uma família de melros. Vem, palerma!»

O António Moleiro olhou para a árvore e, lembrando-se de que a sua mãezinha, que Deus levara, lhe havia recomendado o respeito pelos ninhos que são as casas das avezinhas, respondeu:

— «Não vou. Nós não devemos roubar os passarinhos aos pobres pais.» Riram os companheiros;

— «Sim, sim! Tens mas é medo de cair da árvore. És um medroso.»

Os rapazes subiram ao salgueiro, arrebataram o ninho e encarceraram os melros, resmungando contra o António Moleiro:

— «Um medroso daqueles, hein!»

Passados dias, vieram convidá-lo para tomar banho no pego do açude. O pequeno, que estava apascentando o gado do seu padrinho, escusou-se, dizendo que a água ali era funda e tinha muito lódo. Além de que não ia deixar o serviço para os acompanhar na brincadeira.

Correndo para o açude, os rapazes zombavam do António Moleiro:

— «Adéus Medroso! Que vergonha! Vai aqui o Zé da Quinta que tem só sete anos, sem medo nenhum... Eh, Medroso!»

Passaram tempos.

Era de tarde, ao sol pósto. Todos os camponeses vinham dos seus traba-

lhos ou iam para suas casas ceiar ou fazer horas na pequena loja da aldeia. A porta da sua casota, uma



pobre velha dava pontos nas peúgas dum netinho.

Nisto, ao longe, numa curva da estrada, ouviu-se um uivo e viu-se a correr um lóbo, com o pêlo eriçado e deitando espuma pela boca. Os mais animosos berraram:

— «Um lóbo! Fugam!»

O que se passou a seguir, é indescrevível. As mulheres chamavam os filhos que brincavam na estrada; os homens entravam na loja ou corriam para suas casas; os rapazes saltavam os muros ou subiam às árvores; os gatos, eriçando o pêlo, trepavam aos telhados; a velhota atirou com os óculos e a tesoura e fechou a porta, benzen-

do-se; o Zé Maria, caçador, que regressava dos campos, perdeu a serenidade e, deixando a espingarda, fugiu para muito longe.

Sempre correndo, o lóbo entrou na aldeia. A meio do caminho, estava uma criança de dois anos que, na confusão, ninguém se lembrou de salvar. Ia já o lóbo a arremeter contra ela. Entretanto, a uns cem metros da aldeia, seguiam pela estrada vinte crianças que, saindo da escola, se dirigiam para suas casas, num lugar próximo.

Então, duma porta, a meio da aldeia, um rapazito magro, com um carapuço, uma pele de coelho, protegendo-lhe o rosto, um casaco enrolando-lhe o braço, e um varapau em punho, correu para o lóbo e colocou-se entre este e a criança.

A fera, enorme, ao ver o rapazito formou o salto, uivando. Protegida a cara e o braço contra as dentadas do animal, o pequeno descarregou-lhe golpes sucessivos na cabeça. O lóbo rosnava, dando saltos. Durou a luta mais de quinze minutos mas, felizmente, com uma paucada mais rijs, o pequeno conseguiu abrir a cabeça da fera.

Quando, no fim do combate, o povo assomou às portas, viu o pequeno tra-



zer ao colo a criança, que chorava de medo. Depois, tirou a pele de coelho que lhe cobria o rosto e toda a gente viu, com assombro, que o herói, que havia salvo a aldeia do lóbo, era o António Moleiro.

Pôra um valente. Por isso, dias depois, numa sessão solene na Junta de Freguesia, depois de elogiado o seu gesto pelas autoridades do concelho, foi-lhe entregue uma medalha de ouro, com a seguinte legenda: — Ao António Moleiro, que, tendo apenas dez anos, soube ser um herói, oferece esta medalha a sua aldeia agradecida.

Claro está que, daí em diante, os rapazes passaram a chamar-lhe Valente.

INTER-CÂMBIO EPISTOLAR

O «Pim-Pam-Pum» vai dar começo a uma nova secção, que tem por finalidade estabelecer o convívio espiritual entre todas as meninas portuguesas que queiram comunicar umas com as outras, trocando impressões, conversando inteligentemente, através duma correspondência directa, sem a nossa intervenção, a não ser de início, pois nos caberá unicamente a tarefa preliminar de as apresentar umas às outras, publicando as suas fotografias com a indicação dos respectivos nomes e das respectivas idades.

Mas para que cada uma tenha apenas a sua amiguinha, publicaremos em cada número do nosso suplemento cinco fotografias de meninas entre dez e dezoito anos, residentes em Lisboa e outras cinco das diversas cidades ou vilas da Província ou colónias portuguesas, das mesmas idades. As moradas não as revelaremos, precisamente para que não aconteça umas meninas ficarem com um grande número de amiguinhas e outras sem nenhuma. Assim, iremos publicando os retratos com a indicação do nome e da idade das correspondentes, de forma que, ás que figurarem na coluna superior, correspondam as da coluna inferior, da mesma idade, ficando, deste modo, cada menina imediatamente sabedora da amiguinha que lhe coube em sorte.

Cada menina enviar-nos-há, depois de feita a inscrição que é absolutamente gratuita, isto é: — depois de nos ter enviado o retrato, com a indicação, nas costas, do nome, da idade e da morada, — a cartinha devidamente estampilhada, dirigida à sua nova amiguinha, dentro dum outro sobrescrito endereçado ao director do «Pim-Pam-Pum», que se encarregará de a mandar deitar no correio, pondo-lhe a respectiva morada, a qual a nossa leitora terá indicado também dentro da carta para que, de futuro, se correspondam sem a nossa interferência.

RESUMINDO:

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe fôr destinada, dentro d'outra que será endereçada à Redacção de «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — *Inter-câmbio epistolar.*

CONTOS INSTRUTIVOS

ANIMAIS CURIOSOS

por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

OS meninos que tenham estado à beira-mar, conhecem, certamente, as aranhas do mar, grandes caranguejos, cheios de picos, munidos de enormes patas. Têm, também, umas pinças com que arrancam bocados de algas, esponjas e várias plantas marinhas que levam em cima da sua casca.

O bicharoco desaparece sob tufos de verdura que o tornam irreconhecível. Um naturalista teve a fantasia de tirar a um destes caranguejos a cobertura de plantas marinhas, pondo à sua disposição pétalas de rosa. Daí a pouco, o bicho parecia um jardim florido e perfumado.

Unicamente, como curiosidade, porque o caso é uma raridade, mencionamos aqui um pássaro que faz as suas provisões para o inverno.



cada, mas ao mesmo tempo vai apanhando bolotas que não come, enquanto encontra outro sustento.

É engenhosa a maneira como as apanha.

Escolhe uma árvore, mete-lhe o bico no tronco, fazendo nêle um buraco, onde possa caber uma bolota. Assim que arranja esse esconderijo, vai buscar o fruto, introduzindo-o ali à força.

A bolota enterrada dessa maneira, não pode cair, nem ser apanhada por outro animal.

Nos sítios em que estes pássaros vivem, encontram-se troncos de árvores, criados de buracos, tapados com uma bolota, à laia de rôlha.

No Outono é que eles comem as bolotas que tão solidamente fixaram ali.

É na verdade estranho que guardem em depósito sementes e não insectos, o seu alimento habitual.

Será, naturalmente, porque elles se não conservam frescos.

(Continua na pág. 6)



As raízes retomam vida, rapidamente, e, daí a pouco, todo o corpo do animal fica num verdadeiro museu zoológico-botânico.

Este pássaro vive na América do Norte e sustenta-se de insectos, sobretudo de formigas.

Todo o verão se dedica a esta ca-

A TEIMA DO JOAQUIM

ADAPTAÇÃO DE M. F.

O Joaquim, naquela tarde, ao chegar à fazenda, dera em barafustar, sem razão alguma, com o Abílio, um criado que tantas vezes lhe aturava as exigências e rabugices de velho.

Fôra o caso que o Abílio lembrara que seria conveniente plantar algumas macieiras e figueiras na fazenda. Davam sombra e, no devido tempo, regulariam o paladar com a frescura dos seus frutos. Porém, o velho retorquia:

— «Não sejas tolo, rapaz. Lembra-te de que já tenho perto de setenta anos. Quando é que as árvores davam fruto que se visse? Só daqui a uns dez...»

— «Mas deixava-as ao senhor seu filho.» — tornou o criado.

— «Ora, ora! O meu filho que as plante, se quiser, que eu não estou para isso.»

Naquela altura da conversa, ia a passar na estrada o senhor Matos, professor da aldeia, que resolveu dar uma lição ao rabugento Joaquim:

— «Porque está o senhor Joaquim a discutir com o rapaz?»

— «Pois, *sôr* Matos, *vocelência* não quer ouvir uma das dêle? Anda-me todos os dias a dizer que plante árvores, como se eu ainda, com êstes setenta, embora rijos, que os faço para as vindimas, ainda viesse a aproveitar-me delas.»

Riu o senhor Matos, observando:

— «Olhe lá, senhor Joaquim. A casa onde mora, quem a construiu?»

— «Meu avô, que Deus lhe fale na



alma. Mas o que tem isso com a nossa conversa?»

— «Tem muito. Já vê que outros fizeram coisas para o senhor Joaquim se aproveitar delas agora.»

— «Bom, mas — tornou o casmurro

— meu avô gozou dela. Porém, para que vou eu fazer despesa e ter trabalho, sem nunca me chegar a aproveitar dêle?»

— «Mas o meu amigo ainda pode durar muitos anos. E, olhe, a propósito, oiça esta história:

«Era uma vez um rei que andava a visitar os seus domínios. Ao passar por um campo, viu um lavrador, muito velho, a plantar uma palmeira.

Então, dirigiu-se a êle e perguntou-lhe:

— «Bom velho, quantos anos tens?»

— «Noventa, real senhor. Porque me fazes tal pergunta?»

— «Porque te vejo plantar uma árvore que só daqui a muitos anos será útil. Ainda pensas comer o fruto dessa palmeira?»

— «Rei, — respondeu o velho — nós comemos o que os outros plantaram. Por isso, nós plantamos o que outros aproveitarão.»

— «Muito bem, velho. Mostras não ser egoísta.»

Levando a mão à cinta, o soberano tirou um saco de ouro que entregou ao velho.

Este, que não cabia em si de contente, respondeu:

— «Ainda há tão pouco tempo plantei a árvore e já ela me deu fruto.»

Riu o monarca e disse:

— «Mostraste, com a tua resposta, que és esperto. Toma lá nova bolsa de ouro.»

Então, o velho, cheio de alegria, observou:

(Continua na página 6)



NO VELHO MURO ■ Por LAURA CHAVES

A BRIU-SE, um dia, no muro, um buraco muito escuro já sem cal nem argamassa. Tinha caído em desgraça o muro, assim, de repente. Começou a estar doente, a sentir a pedra solta... Assustado, olhava em volta, com receio de cair. E pôs-se, furo, a carpir: — «Por causa deste buraco é que me sinto tão fraco!» E o buraco disse então: — «Ó muro, não tens razão! Se me fiz nesta covinha não penses que a culpa é minha. Pois não vês que, a pouco e pouco, foste perdendo o rebôco? A pedra caiu de ti e por isso é que eu nasci. Se tu estivesses seguro e fosses mais novo, muro,



nada disto acontecia... O que me causa arrelia é que a vítima sou eu; e tu quem faz o escarceu.»

Desta fábula asseguro que o conceito não é fraco: o Mundo é como esse muro; e o Homem como o buraco.

O RELÓGIO DE OIRO

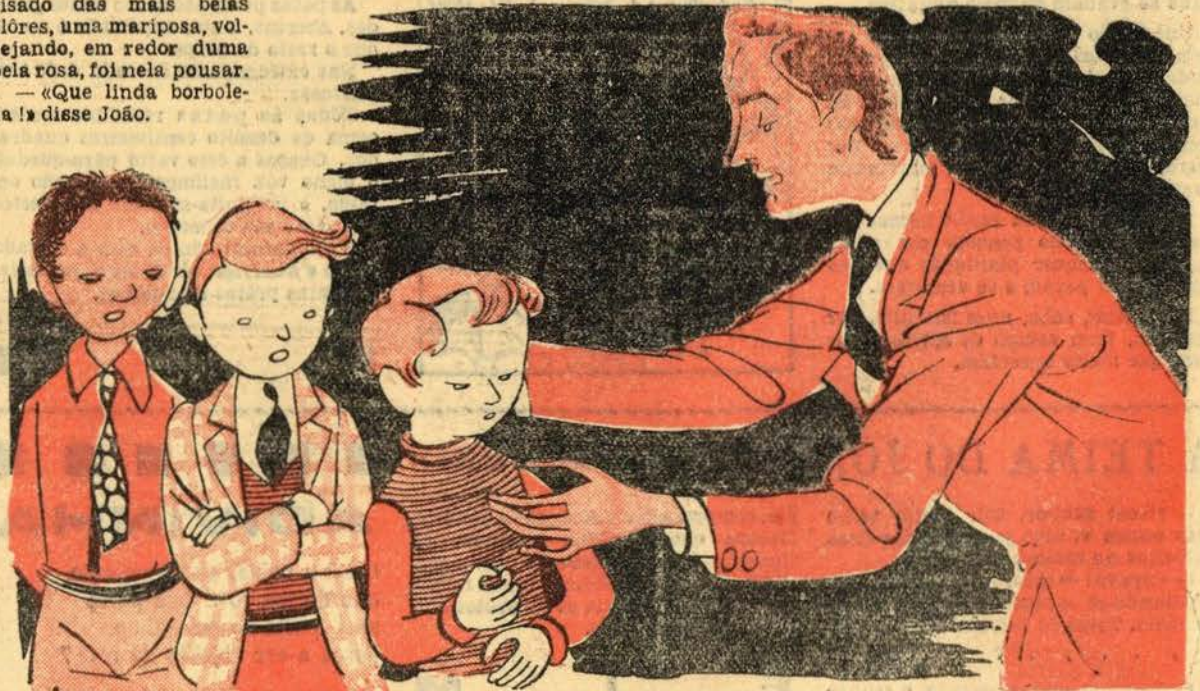
Por ARLETE LOPES NAVARRO

H AVIA um homem que tinha três filhos. Chamavam-se João, José e Joaquim. O mais velho tinha catorze anos, o segundo doze e o mais novo dez. Um dia, no jardim perfumado e ma-

tisado das mais belas flôres, uma mariposa, voando, em redor duma bela rosa, foi nela pousar. — «Que linda borboleta!» disse João.

— «Nunca vi outra tão bonita!» confessou José.
— «Nem eu! E o paizinho?» disse Joaquim.
— «Realmente esta obra admirável de Deus, é linda. Mas também tenho uma outra muito valiosa. É um broche

que pertenceu à vossa falecida mãezinha. E, levantando-se, disse-lhes: — «Vou buscá-la, para vos mostrar.» Pouco depois voltou, trazendo um pequenissimo cofre, onde, ao abri-lo, lhes apresentou uma linda borboleta, toda cravejada das mais raras pedras



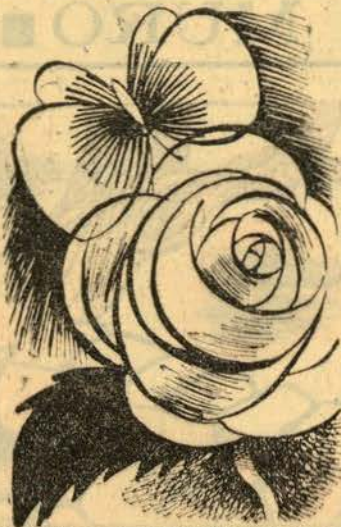
preciosas. Mas os garotos pouca importância lhe ligaram. Os seus olhos fixavam um lindo relógio que jazia no fundo do cofre, onde se encontravam mais joias.

— «Meu paizinho — disse João — prefiro este relógio a todas as joias que aqui estão.»

— «E eu também...» — disseram em coro os outros dois.

— «Pois bem, — respondeu-lhes o pai — como vocês são três e o objecto do vosso agrado não se pode repartir, vou entregar a cada um de vós cinco escudos e o que lhes der melhor destino, será a esse que oferecerei o relógio.»

O pai fechou o cofre e deu a cada um dos filhos a quantia destinada à prova a que os queria submeter.



Passados dias, depois do jantar, o pai convidou os filhos a descerem, com ele, ao jardim.

— «Então — disse-lhes — como empregaram vocês o dinheiro que lhes dei?»

— «Eu... — disse o mais velho — No domingo, aproveitando a licença que o pai me deu para sair, e vendo à porta dum teatro um cartaz anunciando a apresentação, ao público, dum consumado violinista, empreguei o meu dinheiro na compra dum bilhete, que

permitiu ao meu espírito um encanto inegalável.»

— «Destinaste muito bem a quantia que te dei. Vejamos tu, José, como empregaste a tua?»

— «Foi no sábado... Gastei o dinheiro que me deu na compra dum livro de contos, que há muito desejava ter. Não calcula, meu paizinho, como me deleitei com aquela interessante leitura.»

— «Também não empregaste mal o

teu dinheiro. E tu, Joaquim?» — Disse, voltando-se para o mais novo.

Este curvou a cabeça e, baixinho, murmurou:

— «Dei-lhe logo destino, no dia em que me entregou. Brincava aqui no jardim, quando uma pobre mulher, trazendo um filho ao colo e outro pela mão, me avistou através da grade do portão. Chamou-me e, a chorar, pediu-me uma esmola para a ajuda da compra dum pão, para dar aos filhos que tinham fome. Senti tanta pena! Não hesitei e dei-lhe os cinco escudos que o paizinho me dera, havia pouco. Não fiz brilhar o meu dinheiro como o João e o José mas senti, como eles, uma grande satisfação.»

— «Meu querido filho — disse-lhe o pai, comovido — deixa-me abraçar-te. É teu o relógio. Não há no mundo prémio algum que possa recompensar as acções beneméritas que se praticam na vida. Não há destino melhor a dar ao dinheiro do que fazer com ele a felicidade de alguém. Socorrer os pobres é o acto mais belo, mais digno e mais sublime da vida.»

E o pai foi buscar o relógio, entregando-o ao Joaquim, que chorava de alegria, abraçado aos irmãos, que lhe sorriam bondosamente.

F I M

ANIMAIS CURIOSOS

(Continuado da página 3)

Os peixes — já se vê, que são feitos para viverem na água, mas a natureza, que muitas vezes parece contradizer-se a si própria, faz com que alguns se evadam do meio aquático.

Uns, como os meus amiguinhos sabem, vão tal qual os pássaros, outros andam fóra de água. Neste número contam-se as enguias. Para passarem dum tanque para outro, quando lhes convem mais, não hesitam em vir por terra, restejando e assim percorrem grandes distâncias.

Não se apressam muito nessas andadas, e quando passam por sítios onde há qualquer planta que lhes apetece, ali param e se demoram.

Dão assim, cabo, num instante, por exemplo, dum campo de ervilhas, peisco que muito apreciam.



Entre os batráquios também se encontra um animal voador: é uma espécie de sapo ou rã que habita nas ilhas de Ionda.

As patas palmípedes são muito grandes. Abertas, a sua superfície é maior que o resto do corpo.

Nas extremidades de cada dedo têm ventosas.

Todas as patas reunidas medem cerca de dezóito centímetros quadrados. Graças a esse vasto pára-quadras, o bicho vóa facilmente, de ramo em ramo, e precipita-se sobre os insectos que são o seu alimento.

É um animal bonito, com o costado verde e a barriga cor de laranja, chela, de pintas pretas e azuladas.

F I M

A TEIMA DO JOAQUIM

(Continuado da página 4)

— «Real senhor, sou muito velho mas nunca vi uma palmeira dar duas colheitas no mesmo ano...»

— «Bravo! — retorquiu o soberano, afastando-se. — Mostraste, agora, que és sábio. Toma lá terceira bolsa.»

O Joaquim que, enquanto o senhor Matos falava, o ouvia no maior silên-

cio, compreendeu o alcance da história. Deixou que o Abílio plantasse as figueiras e as macieiras e o caso é que, daí a dez anos, o velhote, ainda robusto, comia com delícia os saborosos frutos daquelas árvores.

F I M

■ ■ ■ ■ ■

ADIVINHA

Qual a coisa, aqui presente, que do tempo é uma parte mas, posta no masculino, passa a ser objecto de arte?

■ ■ ■ ■ ■



UMA HABILIDADE

Meus meninos: — O grande prestidigitador «Chico Macaco» vai falar... Atenção:

— «Respeitável público: — Seréis capazes de dar um nó num fio, pegando nele com uma mão em cada ponta e sem o largardes um só momento? Ora tentem... Vejam se conseguem? Não são capazes? Nem esse senhor careca, que está ao fundo da sala? Nem mesmo esse menino magrizona que está ao centro da platêa?

Então, olhem bem... Vou provar-lhes que é possível: — Primeiro cruzo os braços. Com eles cruzados, agarro as duas pontas... Descruzo os e... pronto. Está dado o nó!



HISTÓRIA MUDA ■ LEGENDAS A PRÊMIO

Abaixo publicamos as legendas que obtiveram o 1.º prêmio do concurso relativo à segunda história muda, inserta no nosso suplemento, e que são da autoria de Rogério Claro, morador na Praça Almirante Reis, N.º 32-1.º em Setúbal.

O TARECO ENGANADO

- | | | |
|---|---|--|
| I — Certo Tareco afamado,
Guarda feroz, de bom trato,
No seu giro costumado,
Descobre a casa dum rato. | III — Foge depois pelo lado,
A saída da casita,
Mas o Tareco, enganado,
Recua de orelha fita. | V — Enquanto o Tareco, fulo,
Contempla a presa apanhada,
Depois de formado o pulo,
E da unha bem fincada. |
| II — Mas este, que está à cóca,
E a boa partida adora,
Deita p'ra fóra da toca
A raiz duma cenoura. | IV — Segue o rato prá despensa,
A matar o seu desejo...
E toma sem mais licença,
Um grande naco de queijo. | VI — O conceito, aqui achao,
Bom é que todos o estudem:
— Cuidado, muito cuidado,
Que as aparências iludem. |

Foram também classificadas com menção honrosa as poesias de Fernando Ferreira de Matos, e a firmada com as iniciais X. Z.

São também dignas de especial referência as da autoria

de Maria Carmen Martino Vidal, de Albergaria-a-Velha. Emecêpê, de Carregal-Ovar — Maria Emilia — (Ginnette) — de Elvas. Victor de Sousa Vasconcelos e Flecha Sibilante.

PENSAMENTOS

E' fraqueza desistir da coisa começada.

Luiz de Camões

A caridade, para ser bem compreendida e bem praticada, precisa de consolar as misérias do corpo e as do espirito.

Maria Amália Vaz de Carvalho,

Estar sempre descontente consigo mesmo é uma fraqueza; estar sempre contente consigo mesmo é uma tolice.

Madame de Staël

Os novos dizem o que fazem; os velhos dizem o que fizeram; os tolos dizem o que não-de fazer.

A N E D O T A

Dois irmãos dividem entre si as castanhas. Mas, a partir de dez, a contagem é difícil.

Diz o mais velho:
— «Dez... dez um... dez dois... dez três...»

Então, o mais novo alvitra:
— «E se contasses em algarismos romanos? Talvez fôsse mais depressa.»

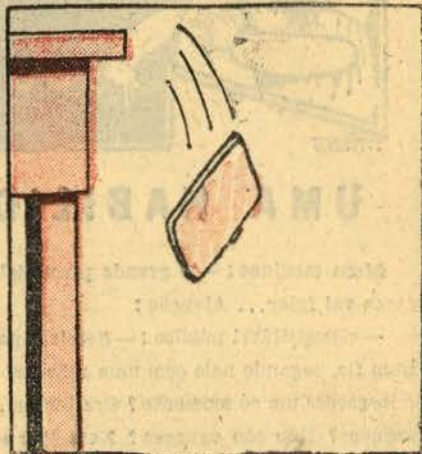
O CASTIGO DA CIGARREIRA



I — Um dia, uma cigareira, irritada, disse assim: — «Estou farta de guardar cigarros dentro de mim.»



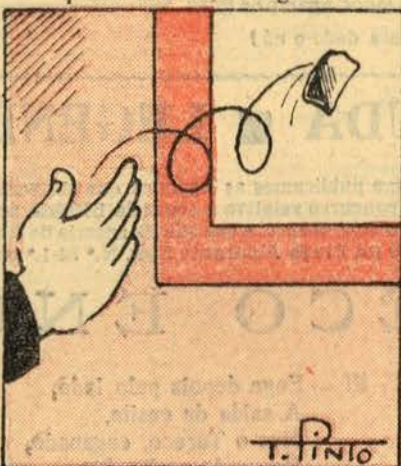
II — Vou tentar amachucar-me, amolgar-me, de maneira que o meu dono nunca mais possa usar-me na algeibra.»



III — Dito e feito... Da mesinha onde estava colocada, atirou-se para o chão para ficar amolgada.



IV — Ao vê-la naquele estado, o dono da cigareira, arremessa-a para a rua onde fica a noite inteira,

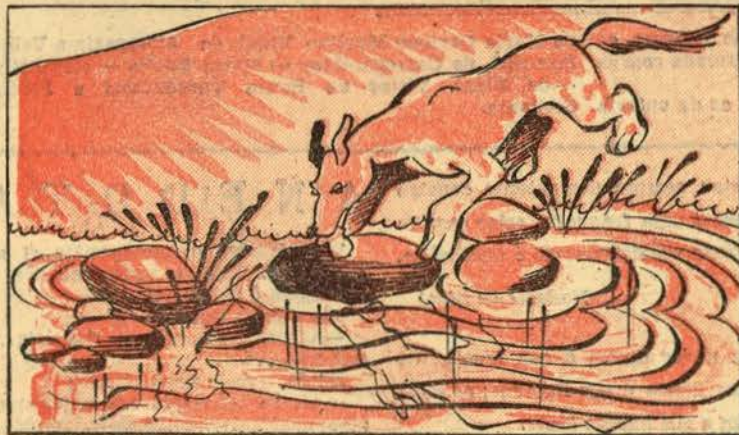


aguardando, arrependida da sua tóla esperteza, a passagem, pela rua, da carroça da limpeza.



Ouve, agora, leitorzinho, o conceito d'êste conto: Quem faz como a cigareira prova, apenas, que é um tonto.

Pois que nada pode haver que dê mais consolação do que cumprir o mester que é da nossa obrigação.



DESENHOS ALEGORICOS

■ A que fábula pertence êste desenho?